



Breve comentário sobre saúde e doença a partir de alguns pontos do *Encheirídion* de Epicteto

Erick Araujo¹

Trata-se, aqui, de desenvolver brevemente o tema da relação saúde/doença a partir de dois itens do *Encheirídion*, o manual de Epicteto. Especificamente, 1.1 e 9. Para tanto, se fará diálogo, principalmente, com Georges Canguilhem (2005). Que a atenção seja voltada, então, aos itens do manual:

[1.1] Das coisas existentes, algumas são encargos nossos; outras não. São encargos nossos o juízo, o impulso, o desejo, a repulsa – em suma: tudo quanto seja ação nossa. Não são encargos nossos o corpo, as posses, a reputação, os cargos públicos – em suma: tudo quanto não seja ação nossa;

[9] A doença é entrave para o corpo, mas não para a escolha, se ela não quiser. Claudicar é entrave para as pernas, mas não para a escolha. Diz isso para cada uma das coisas que sucedem contigo, e descobrirás que o entrave é próprio de outra coisa e não teu.

Algumas ressalvas iniciais parecem necessárias. Poder-se-ia pensar, junto a um platonismo que pode ser chamado de trivial, que ao afirmar que o corpo não é encargo nosso se está desvalorizando-o. Haveria aí uma relação com, por exemplo, o *Fédon* de Platão, no qual o corpo aparece não apenas como obstáculo, mas como corruptor da alma. Entretanto, há algo diferente no texto aqui em foco. Que se lembre de que, para os estoicos, o próprio mundo é um todo corpóreo a ser representado pela *phantasia*, e essa, por sua vez, a ser assentida, ou não, pelo *hegemonikon* – a parte diretriz do humano. Não há, então, desvalorização, mas há esforço de adequação da vontade humana em relação ao mundo, incluindo aí o corpo. Ou seja, a questão não é um imobilismo, uma

¹Doutor em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (UFF); doutorando em Metafísica (UNB). E-mail: ericklaraujo@gmail.com.

paralisia, mas uma delimitação, uma circunscrição que permitirá a interpretação correta do mundo e, portanto, a escolha da melhor maneira de agir e viver. Melhor maneira a ser eleita, apenas, quando se sabe o que se pode escolher, o que “são encargos nossos”. Sendo assim, a doença não faz parte desses encargos. A doença, simplesmente, acontece. E essa qualidade da doença é importante: ela acontece. Nesse sentido, cabe uma ressalva: “Quando estiveres prestes a empreender alguma ação, recorda-te de que qualidade ela é”. Tal é o início do parágrafo quarto do manual. Talvez se possa concluir daí que existem males dos quais se pode manter alguma distância: caso não queira se ferir, é prudente não praticar esportes de combate, por exemplo. Caso se fira, é prudente tratar da ferida para ela não piorar. Caso haja uma dieta que afaste certos riscos, que seja seguida. (Que se lembre de um caso atual que reafirma as fronteiras possíveis para ações de prevenção: a volta de casos de sarampo devido à escolha de não vacinar crianças). Mas basta. Pois as doenças, como se disse, acontecem. E parece necessário ter essa qualidade em mente. Não a ter, aí sim, pode levar ao imobilismo, a um ascetismo mortuário. E aqui se apresenta uma inversão da ideia do corpo como vetor corruptor da alma: pela ideia de uma vida sem doenças não se vive (cabe recordar a potência mortífera de uma ideia – “a ideia que mata” – como presente no Brás Cubas, de Machado de Assis, e no Policarpo Quaresma, de Lima Barreto).

Há algo completamente diferente no manual. Ele é um guia para o viver bem. Pressente-se nele uma noção de saúde que não é aquela de ausência de doença – nesse sentido, Canguilhem (2005) relembra a frase do fisiologista e cirurgião francês René Leriche: a “saúde é a vida no silêncio dos órgãos” – nem aquela de uma impossibilidade – “um estado de completo bem-estar físico, moral e social, não consistindo somente na ausência de enfermidade ou de doença”, como instituiu a Organização Mundial da Saúde (OMS). A saúde é um viver bem, é um manejo do agir a partir da interpretação do que o mundo apresenta. Um mundo habitado, também, por doenças. Doenças que emergem, que se modificam e que são transformadas (o caso da relação de bactérias e antibiótico é pedagógico, as primeiras se fortalecendo devido à ação dos últimos, a ponto de algumas serem chamadas de superbactérias). Portanto, as doenças são um signo da própria vida. Mas que se repita: isso não quer dizer um bloqueio às ações de pesquisa acerca de possíveis meios de prevenção, controle, tratamento e cura. Cabe saber, exatamente, a qualidade de cada acontecimento, para escolher de acordo com sua natureza. Mas é preciso lembrar, não há vida sem doença: o humano, diz Canguilhem (2005, p.63), “é aberto à doença não por uma condenação ou por uma sina, mas por sua

simples presença no mundo”. Não se trata, portanto, do humano dizer: “Ó desafortunado que sou!”, mas sim: “isso acontece”. E o fato de não encarar a doença como uma sina, torna possível a análise das causas do adoecer: “sim, isso acontece”, mas devido à arbitrariedade da vida ou por certa distribuição desigual das probabilidades de se ficar doente, como no caso de áreas nas cidades que não recebem investimentos e obras de saneamento básico por parte do Estado? E pode se dizer o mesmo no caso de doenças como a depressão: seria ela fruto de um aleatório desequilíbrio químico no cérebro ou poderia emergir de condições repetidas de assédio moral (e/ou racismo e/ou sexismo)? Se a saúde é um viver bem, um manejo das possíveis ações a partir da interpretação do mundo, o caminho para a saúde é pavimentado, também, pela percepção do que pode atuar como fator patogênico, material ou imaterial, sobre nós.

Mas que se volte a ressaltar: não é possível uma vida sem doenças. E se sabe que é sedutora a ideia de uma vida sem doenças (mesmo de uma vida sem morte). Não se fala em sedução sem motivo. No manual, o termo grego traduzido por “seduzem” é *Psychagōgēō*. Os tradutores explicitam que o termo “significa literalmente ‘conduzir ou evocar a *psychē*’, adquirindo os sentidos de ‘encantar, seduzir, alegrar’” (Dinucci, Julien, 2012, p.135). Parece cabível, ainda, ter em mente o termo latino *seducere*, cujo sentido é o de conduzir para o lado, desviar. Por isso falar que é sedutora a ideia de uma vida sem doenças, pois efetivamente tal ideia desvia a humanidade dela mesma, de sua condição inerente de vulnerabilidade. E, nesse sentido, cabe um ensinamento presente no manual: “Podes ser invencível se não te engajares em lutas nas quais vencer não depende de ti”. Saúde não é invencibilidade. Talvez se possa dizer, sim, que saúde é a prática de escolher as próprias lutas.

Referências

DINUCCI, A. e JULIEN, A. “O Encheirídion de Epicteto”. *Archai* n. 9, jul-dez 2012, pp. 123-136.

CANGUILHEM, G. *Escritos sobre a medicina*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.